



PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES /D/ E /T/ NO PORTUGUÊS FALADO EM GARANHUNS – PE

PALATALIZATION OF THE ALVEOLAR OCCLUSIVES /D/ AND /T/ IN THE PORTUGUESE SPOKEN IN GARANHUNS - PE

Kermelly Beatriz de Lima Silva (UPE)¹
kermellylima@gmail.com

Fernando Augusto de Lima Oliveira (UPE)²
fernando.oliveira@upe.br

RESUMO: Esta pesquisa tem como finalidade analisar o processo da palatalização das oclusivas alveolares /d/ e /t/ diante da vogal alta [i] na comunidade de fala de Garanhuns-PE, analisando quais condicionantes linguísticos e extralinguísticos favorecem a ocorrência da palatalização. Nosso estudo está embasado na perspectiva teórico-metodológica da Teoria da Variação Linguística, constituída por Labov (2008 [1972]), como também em discussões relacionadas à fonética e à fonologia (Cf. HORA, 1990; MOTA e ROLEMBERG, 1997; HENRIQUE e HORA, 2012; SOUZA NETO, 2014; OLIVEIRA, 2017), acerca da variante em estudo. Para isso, utilizamos o programa computacional Goldvarb X (2005), com o intuito de obter termos percentuais e estatísticos. Com base nos dados fornecidos pelo software, ficou patente que a ocorrência da variante não palatalizada se mostrou com maior frequência entre os falantes, enquanto a variante palatalizada exibiu menor regularidade entre as ocorrências. Dentre os seis grupos de fatores analisados (sexo, faixa etária, escolaridade, classe gramatical, grau de vozeamento da oclusiva e contexto fonológico posterior), cinco deles foram considerados significativos para a variante, sendo a variável faixa etária a mais relevante e o contexto fonológico posterior a menos significativa para o aparecimento do fenômeno palatalizado. Dessa forma, defendemos que esta pesquisa quantitativa corrobora para o conhecimento e descrição do perfil sociolinguístico dos informantes de Garanhuns, localizada no Agreste Meridional Pernambucano.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da Variação. Fonética. Palatalização. Oclusivas Alveolares.

ABSTRACT: This research aims to analyze the process of palatalization of alveolar stops /d/ e /t/ in front of the high vowel [i] in the speech community of Garanhuns-PE, analyzing which linguistic and extralinguistic conditions favor the occurrence of palatalization. Our study is based on the theoretical-methodological perspective of the Theory of Linguistic Variation, constituted by Labov (2008 [1972]), as well as on discussions related to phonetics and phonology (Cf. HORA, 1990; MOTA and ROLEMBERG, 1997; HENRIQUE and HORA, 2012; SOUZA NETO, 2014; OLIVEIRA, 2017), about the variant under study. For this, we use the computer program Goldvarb X (2005), in order to obtain percentage and statistical terms. Based on the data provided by the software, it was clear that the occurrence of the non-palatalized variant was more frequent among speakers, while the palatalized variant exhibited less regularity between occurrences. Among the six groups of factors analyzed (gender, age group, education, grammatical class, degree of voicing of the occlusive and posterior phonological context), five of them were considered significant for the variant, with the age group being the most relevant and the phonological context posterior to the least significant for the appearance of the palatalized phenomenon. Thus, we defend

¹ Graduada em Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e suas Literaturas – UPE/ GEADLin – Garanhuns – PE.

² Professor Dr. do curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e suas Literaturas – UPE. Líder do GEADLin/ UPE – Garanhuns – PE.



that this quantitative research corroborates for the knowledge and description of the sociolinguistic profile of the informants of Garanhuns, located in Agreste Meridional Pernambucano.

KEYWORDS: Theory of Variation. Phonetics. Palatalization. Alveolar Occlusives.

1. Introdução

A Teoria da Variação Linguística, cuja concepção teórico-metodológica está pautada nos pressupostos de Labov (1972 [2008]), trouxe questionamentos significativos para a compreensão da fala em situações reais de uso, buscando compreender e explicar os fatos linguísticos a partir da origem e da evolução dos processos de mudança, através de fatores sociais e linguísticos e mostrando o seu condicionamento a partir de suas variantes em relação às variáveis.

Dentre as múltiplas possibilidades de variação na estrutura fonético/fonológica da Língua Portuguesa (doravante LP), o presente trabalho tem como finalidade abordar o fenômeno da palatalização das oclusivas alveolares /d/ e /t/, diante da vogal alta [i]. Como exemplificado nas sentenças em (1):

1. a) Então há vinte ['vĩti] e sete ['seti] anos né, há vinte ['vĩti] sete ['seti] anos atrás, essa escola, por exemplo, não tinha ['tjɲɛ] uma boa reputação (...). (FG. 43. L28. p. 112).

b) Que ainda não tive ['tʃivɪ] oportunidade [ɔpɔhtuni'dadʒɪ] # Mulher, eu tenho um sonho, um sonho de ['dʒɪ], de ['dʒɪ] me dedicar [dedʒi'kah] mais, em ajudar, ser voluntária de ['dʒɪ] algum lugar (...) (FSV. 40. L12. p.52).

Observando a sentença em (1a), percebemos que os falantes não empregam a palatalização na oclusiva alveolar /t/, como mostram as palavras: sete/ ['seti], vinte/ ['vĩti] e tinha/ ['tjɲɛ]. Por outro lado, na sentença (1b), vemos que nas palavras: tive/ ['tʃivɛ], oportunidade/ [ɔpɔhtuni'dadʒɪ], de/ ['dʒɪ] e dedicar/ [dedʒi'kah], houve a transformação da oclusiva alveolar [d] e [t] para as africadas alveolopalatais [tʃ] e [dʒ], por serem seguidas pela vogal anterior alta /i/ ou glide palatal [j].

Investigações realizadas no Português Brasileiro (doravante PB), especificamente feitas por Hora (1990), Santos (1996), Mota e Rolemborg (1997), Pagotto (2004), Dutra (2007), Henrique e Hora (2012), Souza Neto (2014) e Oliveira (2017) indicam que o



fenômeno da palatalização das oclusivas alveolares /d/ e /t/ é condicionado por fatores linguísticos e extralinguísticos, podendo as consoantes aparecerem de duas formas distintas: oclusivas alveolares [d] e [t] ou africadas alveolopalatais [tʃ] e [dʒ], diante da vogal [i].

Em virtude disso, o estudo apresenta como variáveis linguísticas: a análise do contexto fonológico seguinte (se o contexto que desencadeia a utilização da variante é a vogal [i] ou glide [j]); vozeamento das oclusivas (a variante se apresenta mais na oclusiva alveolar vozeada [d] ou na oclusiva alveolar desvozeada [t]); e classe gramatical (verbos, substantivos e advérbios). Desse modo, além das variáveis linguísticas, selecionamos as seguintes variáveis externas, também chamadas de sociais: sexo (homem e mulher); faixa etária (15 a 30 anos, 31 a 45 anos e de 46 a 61 anos) e escolaridade (nível médio e nível superior).

Esta pesquisa está embasada nos parâmetros teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972 [2008]), que apresenta como objeto de estudo a estrutura e a evolução da língua dentro do contexto social da comunidade de fala (LABOV, 2008 [1972], p. 216). A sociolinguística interessa-se pela função social e comunicativa da língua, e a vê como fator determinante na identificação de grupos e na observação de diferenças sociais na comunidade.

O *corpus* deste estudo foi constituído a partir da coleta de falas espontâneas de informantes residentes na cidade de Garanhuns-PE, com entrevistas que relatam a vivência do informante, como por exemplo: questões sociais, políticas e temas da atualidade, o que chamamos de narrativas orais de experiência pessoal (LABOV e WALETZKY, 1967; 1972; 1997), buscando evitar, assim, o paradoxo do observador. “[...] uma maneira de superar o paradoxo é romper os constrangimentos da situação de entrevista com vários procedimentos que desviem a atenção do falante e permitam que o vernáculo emerja” (LABOV, 1972 [2008], p. 244).

Por fim, foi realizado o processo de codificação dos dados obtidos nas entrevistas orais, para uma análise estatística e probabilística, utilizando o Goldvarb X (2005), que visou calcular os valores percentuais e o peso relativo das ocorrências oclusivas



alveolares [d] e [t] ou das africadas alveolopalatais [tʃ] e [dʒ]. Tal software é considerado de extrema importância para a aquisição da frequência da variante em porcentagens e peso relativo, ao considerar os grupos de fatores em função de uma variável dependente.

O referido artigo está organizado da seguinte maneira: além da etapa introdutória (1), na qual se apresenta as considerações iniciais da pesquisa; na etapa seguinte (2) buscamos retratar o aporte teórico-metodológico que serviu de base para este trabalho; em seguida (2.1), comentamos brevemente sobre o processo assimilatório da palatalização das oclusivas alveolares /d/ e /t/ no PB; no tópico seguinte (3), esmiuçamos os processos metodológicos condizentes a teoria da variação e mudança linguística; seguindo a sequência (4), analisamos e descrevemos os resultados obtidos através do corpus coletado; por fim (5), trouxemos as discussões propostas, evidenciando os tópicos mais significativos das análises envolvendo a palatalização das oclusivas alveolares /d/ e /t/.

2. Fundamentação Teórica

A Sociolinguística Quantitativa (LABOV, 1972 [2008]), se consolidou em 1964, com o propósito de estudar a estrutura e a evolução da língua no contexto social da Comunidade de Fala (doravante CF), a fim de traçar o perfil sociolinguístico de falantes de uma determinada comunidade bem como descrever o funcionamento linguístico, analisando as situações reais de uso da língua, mediante a descrição de aspectos linguísticos e sociais.

Se não houvesse necessidade de contrastar este trabalho com o estudo da língua fora do seu contexto social, eu preferiria dizer que se trata simplesmente de linguística. [...] deveria haver a necessidade de uma nova abordagem da linguística com uma base social mais ampla. (Labov.2008 [1972], p. 216)

Dessa forma, convém à Sociolinguística Quantitativa (doravante SQ) investigar o estágio em que a mutabilidade ou estabilidade se encontra a variação, descrevendo as variáveis que têm efeitos significativos ou não sobre os usos linguísticos pertencentes a uma determinada comunidade de fala.



[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum modo remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (Labov.2008 [1972] p. 21)

Seguindo essa perspectiva, entram em cena os fatores externos ou sociais, uma vez que contribuem para que se entenda o porquê de uma parcela de pessoas de uma comunidade de fala usar a língua de uma determinada maneira. Assim, as formas linguísticas escolhidas pelos locutores no momento de um ato de fala variam conforme os fatores extralinguísticos, os quais são também responsáveis pela sistematicidade das variantes da língua, já que são eles que permitem as suas ocorrências. Logo, a variação do código linguístico tem como uma de suas causas as diferenças sociais entre seus falantes, diferenças essas que dizem respeito ao sexo, classe econômica, escolaridade, faixa etária, etc.

As mudanças que a língua sofre resultam desses dois aspectos: o estrutural e o social. Nesse sentido, conforme assinalado por Labov, tais processos situam-se em um tempo e em um lugar específicos, o que passa a exigir explicações fundamentadas mediante o contexto social onde ocorrem.

2.1 Processo assimilatório da palatalização das oclusivas alveolares /d/ e /t/

Dentre os fenômenos fonéticos e fonológicos variáveis existentes no português brasileiro, escolhemos descrever e analisar a palatalização regressiva das oclusivas alveolares /d/ e /t/, no contexto de fala de informantes residentes na cidade de Garanhuns -PE.

Sendo assim, a palatalização regressiva das oclusivas alveolares /d/ e /t/ é um fenômeno bastante característico do PB, tendo como gatilho o contexto fonológico posterior [i] ou glide palatal [j]. A partir dessa descrição, podemos verificar que as variações e mudanças linguísticas seguem certas sistematizações que possibilitam



compreender como determinado fenômeno se comporta em certa comunidade de fala. É partindo desse pressuposto, que buscamos analisar e descrever a palatalização regressiva.

Trabalhos realizados nas regiões sul e sudeste do Brasil evidenciam frequências significativas da palatalização em seu contexto regressivo (Cf. HORA (1990), SANTOS (1996), MOTA e ROLEMBERG (1997), PAGOTTO (2004) e DUTRA (2007)), havendo ocorrências no falar da região nordeste também.

Pesquisas realizadas em Alagoas, Bahia e Paraíba demonstraram o favorecimento da palatalização progressiva (Cf. HENRIQUE e HORA (2012), SOUZA NETO (2014), OLIVEIRA (2017)), entre os falantes, como mostra o quadro 1, em seguida.

Quadro 1- Palavras propensas à palatalização em contexto regressivo e contexto progressivo das consoantes oclusivas /d/ e /t/

Palatalização regressiva	Palatalização progressiva
dinheiro/ [dʒi'neru]	biscoito/ [bis'kojʃu]
dia [dʒiə]	peito/ ['pejʃtu]
direita/ [dʒi'rejtə]	doido/ ['dojɔ]
tinta/ ['ʃitə]	muito/ ['mũjʃtu]
gente/ ['zẽʃi]	oito/ ['oiʃu]

Fonte: Elaboração própria

Nesse sentido, ao observar o processo de variação linguística, é bastante comum certas variantes se enquadrarem como um fenômeno de estigma ou valorização social. Isso tende a ocorrer, pois os indivíduos buscam constantemente pertencer socialmente a uma determinada comunidade de fala ou comunidade de prática. Seguindo esse viés, a palatalização das oclusivas alveolares /d/ e /t/, em seu contexto regressivo, é considerada pelos falantes, de modo geral, um falar de prestígio, enquanto a palatalização, quando empregada em contexto progressivo, é considerada como uma marca de estigma social.



2.2 Comunidade de fala de Garanhuns- PE

A respectiva pesquisa de campo foi desenvolvida na comunidade de fala de Garanhuns, mesorregião do Estado de Pernambuco, localizada no Planalto da Borborema, a 842 metros acima do nível do mar, um dos pontos mais altos do Agreste Meridional, posicionando-se a 230 quilômetros da capital, Recife.

Fundada oficialmente em 10 de março de 1811, há 207 anos, Garanhuns ocupa uma área de 458,550 km², com aproximadamente 137 810 habitantes, tornando-se o nono mais populoso município do Estado, o terceiro mais populoso do interior do estado e o segundo mais populoso da região do agreste pernambucano.

A região é conhecida por apresentar em sua formação as conhecidas sete colinas: Monte Sinai, Triunfo, Columinho, Ipiranga, Antas, Magano e Quilombo, que possibilitam o clima de montanha, no qual a temperatura média anual é de 21°C.

Garanhuns se desenvolveu na primeira metade do século XVII (1654) com o estabelecimento nos Campos dos Garanhuns, de uma tribo indígena denominada Unhahu de Corrutela Garanhuns. O povoamento dessa região foi influenciado diretamente por um dos mais relevantes fatos da História do Brasil ou nordeste brasileiro: a expulsão dos holandeses e a destruição do Quilombo dos Palmares. Existem outras versões para a origem do nome da cidade. Sebastião Galvão afirma que Garanhuns é uma palavra indígena, uma mistura de Guará (canídeo selvagem) e Anu (ave preta), animais bastante frequentes na região.

Nas últimas décadas, a leva de transformações econômicas e sociais foram evoluindo. Hoje, a cidade conta com produções agrícolas, pecuárias, industriais e comerciárias. Além de contar com o setor turístico, que arrecada fundos financeiros anuais para a comunidade.

3. Metodologia

Tendo em vista que há procedimentos metodológicos que guiam e interferem em uma observação para que essa seja de qualidade e confiabilidade, temos como



fundamentação metodológica os pressupostos da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 2008 [1972]). Essa metodologia foi utilizada para a coleta, transcrição e análise dos dados.

Em sua organização, esta pesquisa foi dividida em sete etapas (pesquisa e seleção da bibliografia, elaboração do questionário/ guia de perguntas, coleta de dados, transcrição dos dados, codificação dos dados para análise, rodagem no Goldvarb X (2005) e análise e descrição dos resultados), a fim de obter uma amostra e descrição representativas da fala espontânea de informantes da CF de Garanhuns- PE. Para tanto, coletamos dados nos bairros: Heliópolis, Brasília, Boa Vista e Magano, com o intuito de descrever o perfil sociolinguístico dos falantes garanhuneses, no que tange ao uso da palatalização das oclusivas alveolares /d/ e /t/.

O *corpus* deste trabalho conta com 36 entrevistas. Os entrevistados foram selecionados conforme as variáveis sociais e o tempo de vivência na comunidade de fala em estudo. Neste sentido, consideramos aptos à pesquisa, informantes jovens e adultos, que residissem em Garanhuns por um período médio de 10 anos, sem que tenham vivido por um período superior a um ano em outra localidade.

A seguir, no quadro 2, apresentamos o guia de perguntas³ utilizado durante a coleta de dados, conforme os pressupostos das narrativas orais de experiência pessoal (LABOV e WALETZKY, 1967; 1972; 1997).

Quadro 2 - Guia de perguntas utilizado para a realização das entrevistas

Relate o momento mais feliz da sua vida?

Você poderia relatar um pouco sobre sua infância?

O que do passado te marcou e que hoje você sente saudade?

Com relação a situação atual da política do País, o que você poderia comentar?

Você já passou por alguma situação de perigo?

³ O guia de perguntas foi elaborado especificamente para os informantes da CF de Garanhuns- PE, observando as variáveis sociais de cada entrevistado, assim como o seu contexto social, buscando obter ocorrências da variante palatalizada.



Com relação a cidade, no qual vive, o que você poderia falar sobre a saúde e educação?

Quais tipos de histórias você mais ouvia ou ainda ouve dos seus pais ou avós?

Com relação a sua atual profissão, o que gostaria de falar?

Fonte: elaboração própria

Os dados foram coletados através de entrevistas gravadas em gravadores digitais, contabilizando onze horas de gravações, seguido pela transcrição ortográfica e fonética, pela separação da variante estudada e pela codificação. Para a obtenção dos dados estatísticos, foi utilizado o software computacional Goldvarb X (2005), que é de extrema importância para a aquisição de porcentagens e peso relativo, ao considerar os grupos de fatores em função de uma variável dependente.

Para esta pesquisa elencamos seis variáveis sociolinguísticas (quantitativo padrão para um trabalho inicial), divididas em três variáveis sociais e três variáveis linguísticas, visto que, para a descrição e análise de uma mudança ou variação de um determinado fenômeno, precisamos recorrer aos fatores que influenciam externamente e internamente na língua.

Durante a escolha das variáveis sociais, que são influenciadores externos e efetivos para a variação e mudança linguística, selecionamos os grupos de fatores que são considerados base para um estudo descritivo de um dado fenômeno linguístico e comum a todos os indivíduos de uma CF, tais como: sexo (homem e mulher), escolaridade (médio e superior) e faixa etária (15-30, 31-45, 46-61).

Na seleção das variáveis linguísticas foram selecionados os fatores: contexto fonológico posterior (vogal /i/, glide /j/), classe gramatical (verbo, substantivo e advérbio) e grau de vozeamento das oclusivas alveolares (vozeado/ desvozeado).

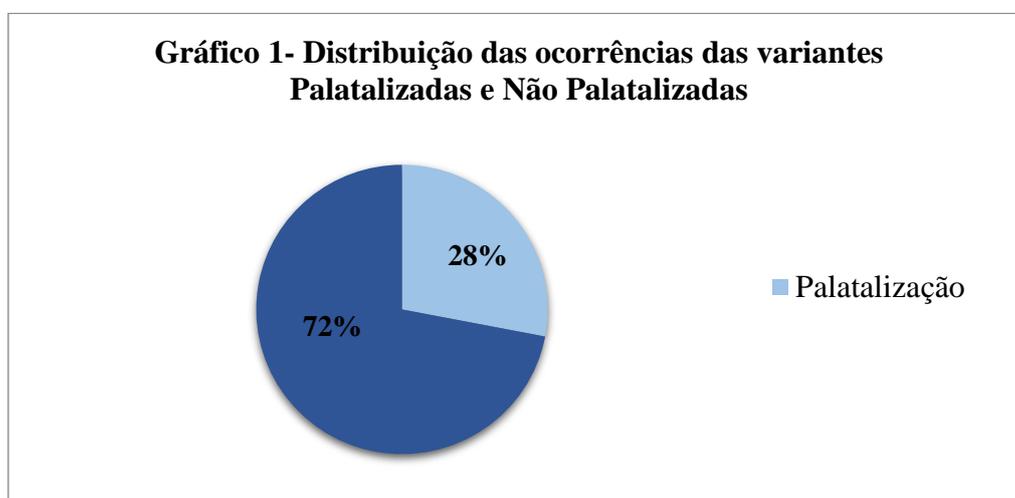
4. Análise e discussão dos resultados

Nesta parte da pesquisa são feitas as interpretações e as análises dos dados, buscando descrever possíveis regularizações linguísticas nos correspondentes grupos de fatores relacionados à palatalização das oclusivas alveolares /d/ e /t/, e quais foram as variáveis extralinguísticas e linguísticas que contribuíram para uma ou outra escolha no uso da variante.

Dessa forma, consideramos como ponto de análise a palatalização regressiva das oclusivas alveolares como aplicação da regra, como mostra o recorte em (2):

2. a) Olha tenho... são duas mulheres e três homens. Todos casados, eu sou único que estou ficando para titia [ʃi'ʃiɐ]*. (JGGC.23. L4. p.13).

b) (...) além da correria do dia ['dʒiɐ] a dia ['dʒiɐ], a gente ['ʒẽʃi] né, tem que dá conta, tem o suporte [su'põhʃi] também né da família, pra dá assistência, assistência maior né. (SOL. 29. L22. P. 64).



Fonte: elaboração própria

De acordo com a apresentação do gráfico 1, podemos verificar que houve uma diferença em relação ao uso da variante palatalizada, assim como da variante não



palatalizada na comunidade de fala de Garanhuns – PE. Com um total de 2077 ocorrências da variante analisada, obtemos 1502 ocorrências para a não palatalização e 575 para a palatalização das oclusivas alveolares /d/ e /t/.

Com isso, podemos comprovar que tal comunidade de fala tende a utilizar com maior frequência a não palatalização, correspondendo à porcentagem de 72%, enquanto que a palatalização das oclusivas alveolares apresentou 28% das ocorrências.

Os resultados apresentados neste trabalho são distintos dos realizados em outras comunidades de fala que descreve a mesma variante palatalizada (BISOL, 1991; PAGOTTO, 2004) e se aproxima de outros (HORA, 1990).

Para fins de análise e descrição dos dados, as variáveis consideradas estatisticamente significativas e não significativas pelo Goldvarb X (2005) foram apresentadas seguindo a ordem de significância dentro da pesquisa.

4.1 Grupo de fatores considerados estatisticamente significativos, segundo o Goldvarb X (2005)

Dos seis grupos de fatores selecionados para desenvolvimento da pesquisa, divididos igualmente em extralinguísticos e linguísticos, a única variável considerada não significativa pelo Goldvarb X (2005) foi o (contexto fonológico posterior). Faixa etária foi a variável mais significativa para a ocorrência da palatalização do /d/ e /t/.

Abaixo, segue a ordem dos grupos de fatores considerados estatisticamente significativos, conforme o Goldvarb X (2005), representado pelo input 0. 255.

4.2 A influência da variável faixa etária no uso da palatalização das oclusivas alveolares /d/ e /t/

Diante da investigação da variável faixa etária, foram considerados para a pesquisa os informantes com idades entre 15 - 30 anos, 31- 45 anos e 46 - 61 anos.



Para melhor compreensão do grupo de fatores em estudo, apresentamos a tabela 1, que ilustra o total de ocorrências e o valor percentual da variável faixa etária no uso da palatalização.

Tabela 1 - Influência da variável faixa etária na escolha da palatalização das oclusivas alveolares

Faixa Etária	Aplic./Total	%	PR
15 – 30 anos	263/ 707	35%	.61
31 – 45 anos	169/723	34%	.44
46- 61 anos	143/647	31%	.42

Fonte: elaboração própria

Verificamos que na pesquisa realizada na CF garanhuense, e sob as porcentagens apresentadas pelo Goldvarb X (2005), os informantes com idades entre 15 a 30 anos, mostraram-se mais favorecedores no uso da palatalização, com o percentual de 35 % - PR (.61) - referentes a 263 aplicações do fenômeno; os falantes com idades entre 31 a 45 anos inibiram a ocorrência da palatalização com 169 aplicações, termo percentual de 34% - PR (.44) -; assim como os mais velhos de 46 a 61 anos apresentaram percentual menor de uso para a aplicação da regra, com 31 % -PR (.42) - para a ocorrência da variante.

Os resultados obtidos, nesta pesquisa, em relação ao fator faixa etária, são aproximados aos obtidos por Pagotto (2004); Hora (1990) e divergem dos trabalhos descritos por Dutra (2007), Henrique e Hora (2012).

Fazendo um panorama geral da comunidade de fala, é perceptível que a geração jovem tende a utilizar variantes inovadoras e consideradas prestigiadas com o propósito de se inserir no mercado de trabalho, em grupos sociais e na integração escolar e acadêmica. Ao contrário da geração com idade mais elevada, que tendem a conservar suas formas e variedades linguísticas.



4.3 A influência da variável grau de vozeamento no uso da palatalização das oclusivas alveolares /d/ e /t/

Neste momento vamos verificar se o grau de vozeamento das consoantes oclusivas alveolares /d/ e /t/, interferem no processo da palatalização, ao observar se a consoante vozeada /d/ ou a desvozeada /t/ inibem ou favorecem o surgimento da referida variante estudada.

No que corresponde ao PR, os resultados coincidem com os dados percentuais obtidos pelo programa Goldvarb X (2005), como podemos visualizar na tabela 2.

Tabela 2 - Influência da variável grau de vozeamento na escolha da palatalização das oclusivas alveolares

Grau de Vozeamento	Aplic./Total	%	PR
Vozeado	140/792	38%	.34
Desvozeado	435/1285	62%	.59

Fonte: elaboração própria

Diante dessa distribuição de dados, podemos pontuar que, a consoante vozeada restringe o aparecimento da palatalização das oclusivas alveolares, enquanto que a consoante desvozeada favorece a aplicação da regra. Tais resultados são aproximados das pesquisas desenvolvidas por Hora (1990), Carvalho (2002), Pagotto (2004) e Dutra (2007).

Neste sentido, podemos concluir que o vozeamento das oclusivas interfere significativamente na ocorrência da palatalização ou despalatalização das oclusivas alveolares. A palatalização ocorre no uso oral dos falantes com maior facilidade na consoante /t/. Já na consoante /d/, esse processo aparenta ser mais difícil de ser realizado devido o processo de articulação fonética, ou seja, a vogal /i/ ou a glide /j/ tem pontos de



articulações um pouco mais próximas da consoante alveolopalatal /tʃ/ do que do alofone /dʒ/, desempenhando maior facilidade ao pronunciar certas palavras palatalizadas.

4.4 A influência da variável classe gramatical no uso da palatalização das oclusivas alveolares /d/ e /t/

No que tange à variável classe gramatical, foi preferível, para este momento, selecionar três classes que se mostraram recorrentes nas palavras que tendem a favorecer o processo da palatalização.

Assim, foram utilizados para análise as variantes palatalizadas que compõem a classe dos substantivos, dos verbos e dos advérbios, este último, terminados com o sufixo-mente.

Diante dessas classes gramaticais, os substantivos, com o percentual de 73%, são favorecedores ao processo da palatalização. Entretanto, os advérbios terminados com o sufixo-mente e os verbos são inibidores do fenômeno palatalizado com o percentual de 8% e 19%, respectivamente. Nossos resultados se aproximam dos descritos por Henrique e Hora (2012) em que a palatalização é favorecida pela classe gramatical substantivo.

Analisando os valores dispostos pelo PR, os resultados confirmam o percentual apresentado. Os substantivos se mostram favorecedores ao fenômeno palatalizado com (.55), enquanto que os advérbios (.29) e os verbos (.37) inibem a palatalização. Como mostra a tabela 3.

Tabela 3 - Influência da variável classe gramatical na escolha da palatalização das oclusivas alveolares /d/ e /t/

Classe Gramatical	Aplic./Total	%	PR
Substantivo	470/1519	73%	.55
Advérbio	30/ 166	8%	.29
Verbo	75/392	19%	.37

Fonte: elaboração própria



Deduzimos que o uso da palatalização é favorecido pela classe gramatical substantivo, em decorrência da aplicação elevada de ocorrências, enquanto os advérbios, em menor número de ocorrências, demonstraram não ser tão significativos para a aplicação da regra, bem como os verbos.

4.5 A influência da variável sexo no uso da palatalização das oclusivas alveolares /d/ e /t/

As pesquisas que contemplam a variável sexo nos estudos sociolinguísticos têm observado distintos comportamentos linguísticos ao relacionar o falar dos homens com o falar das mulheres. Essa diferença aponta para a procura feminina pela norma culta ou podemos dizer, pelas formas que apresentam maior teor de prestígio social, ao passo que os homens, apresentam em sua fala espontânea, uma maior preferência pelos usos linguísticos considerados, muitas vezes, inovadores através do pouco monitoramento da fala.

Diante disso, o fator sexo se apresenta de alta relevância nas pesquisas sociolinguísticas, buscando verificar a valoração social que cada variante linguística apresenta em determinada comunidade de fala.

No que concerne à palatalização das oclusivas alveolares em pesquisas realizadas no campo da sociolinguística quantitativa, trabalhos como Mota; Rolemberg (1997) e Souza Neto (2014) apresentam uma maior procura das formas palatalizadas pelas mulheres, enquanto as formas despaltalizadas das consoantes /d/ e /t/ eram mais favorecida por falantes homens.

Analisando os dados coletados na comunidade de fala de Garanhuns-PE, o fator sexo, de acordo com o Goldvarb X (2005), teve resultados semelhantes das demais pesquisas realizadas sobre o fenômeno da palatalização, já que a palatalização se apresentou com a maior frequência no falar das mulheres, com 52% das ocorrências, ao passo que o sexo masculino apresentou 48% do fenômeno no falar garanhuense.

Para melhor compreensão do fenômeno, a tabela 4 ilustra o peso relativo da variável em questão, e a sua relevância para o grupo de fatores.

Tabela 4 - Influência da variável sexo na escolha da palatalização das oclusivas alveolares

Sexo	Aplic./Total	%	PR
Feminino	354/ 1089	52%	.55
Masculino	221/988	48%	.43

Fonte: elaboração própria

Como podemos observar, o sexo feminino apresenta o PR de (.55), enquanto o sexo masculino apresenta o PR de (.43) para aplicação da palatalização das oclusivas alveolares. Dessa forma, podemos concluir que a palatalização mostrou-se com maior ocorrência entre as falantes mulheres, enquanto os homens tendem a inibir a ocorrência da variante palatalizada, assim como apresenta os trabalhos de Mota; Rolemberg (1997) e Souza Neto (2014) e divergindo de pesquisas de campo como o de Dutra (2007).

4.6 A influência da variável escolaridade no uso da palatalização das oclusivas alveolares /d/ e /t/

As pesquisas que contemplam a variável escolaridade, para os estudos variacionistas, têm demonstrado que quanto maior o tempo de escolarização, maior a probabilidade de os falantes utilizarem a norma padrão da língua, ou seja, os indivíduos tendem a realizar as formas linguísticas considerados de prestígio, enquanto as formas com menos prestígio tendem a ser utilizadas por falantes que apresentam menor tempo de escolarização.

Dessa forma, pesquisas observaram a influência da variável escolaridade na ocorrência da palatalização. Dutra (2007) constatou que na CF de Chuí – RS, os



informantes que continham menor grau de escolaridade eram os quem mais favoreciam o uso da variante palatalizada. Entretanto, trabalhos desenvolvidos por Pagotto (2004) e Henrique e Hora (2012), demonstraram que o uso da palatalização tinha mais influência quando utilizada por indivíduos com nível superior.

Comparando os dados já apresentados com os resultados coletados na cidade de Garanhuns- PE, estratificamos a escolaridade em nível médio e superior completo. De acordo com o termo percentual, falantes com o nível médio (51%) tendem a utilizar mais as formas palatalizadas das consoantes /d/ e /t/, entretanto a variável se mostrou como inibidora para os falantes do nível superior (49%).

Verificando a tabela 5, os dados têm mostrado que quanto maior a escolarização do informante (nível superior), maior será sua propensão a não palatalização das oclusivas alveolares, apresentando (.47) do PR, enquanto que os informantes de nível médio, tendem a utilizar com maior frequência as consoantes palatalizadas apresentado (.52) do PR.

Tabela 5 - Influência da variável escolaridade na escolha da palatalização das oclusivas alveolares /d/ e /t/

Escolaridade	Aplic./Total	%	PR
Médio	305/1068	51%	.52
Superior	270/ 1014	47%	.47

Fonte: elaboração própria

Contudo, os valores tanto percentuais como estatísticos, deram significativamente aproximados, apresentando apenas 1% de diferença entre os dois níveis de escolaridade, podendo também dizer que a utilização da variante palatalizada independe do nível de escolaridade dos informantes garanhuenses. Uma boa hipótese para esta constatação, seja devido à proximidade existente entre os níveis de escolarização elencados para esta pesquisa.



Perceber como a variante estudada se comporta entre o público com nível médio ou superior, nos possibilita mostrar se carrega um estigma ou prestígio social. Aqui concluímos que esta variável não interfere no que concerne à valoração social do fenômeno palatalizado ou não palatalizado.

4.7 Grupos de fatores considerados estatisticamente não significativos, segundo o Golvarb X (2005)

Dentre seis grupos de fatores rodados pelo Goldvarb X (2005), apenas a variável linguística contexto fonológico posterior foi separado pelo programa computacional, ao considerar como um fator não significativo para a ocorrência da variante.

Normalmente, usamos os grupos identificados como significativos, e não investigamos mais os resultados dos outros grupos. No entanto em certas circunstâncias, essa não é uma abordagem preferível. [...] então nem sempre vamos querer simplesmente concluir a análise mediante a apresentação dos resultados escolhidos como a melhor rodada [...]. (Guy, Zilles. p. 182, 2007)

Sendo assim, traremos aqui os termos percentuais e o total de aplicações obtidas pela variável linguística contexto fonológico posterior, além de validar a influência dessa variável para os estudos linguísticos, correspondendo à palatalização das oclusivas alveolares, em Garanhuns – PE.

4.8 A influência da variável contexto fonológico posterior das oclusivas na escolha da palatalização das oclusivas alveolares /d/ e /t/

Ao verificar a disposição dos dados quantitativos de outras pesquisas, no campo da sociolinguística quantitativa, relacionada à variante palatalizada /d/ e /t/, o contexto fonológico seguinte, mostrou-se como um fator imprescindível para a compreensão e descrição do desenvolvimento variacionista do fenômeno

Diante deste aspecto e sob os dados obtidos pelo Goldvarb X (2005), esta variável se apresentou como não significativa para a ocorrência da variante em questão.



Apresentando, assim, apenas as aplicações totais da regra e os dados percentuais gerais e específicos da variável, como podemos observar na tabela 6.

Tabela 6 -Influência da variável contexto fonológico posterior na escolha da palatalização das oclusivas alveolares

Contexto Fonológico	Aplic./Total	% Geral	% Específico
Posterior			
Vogal /i/	204/749	36%	27.2%
Glide /j/	371/1328	64%	27.9%

Fonte: elaboração própria

Diferentemente das outras pesquisas desenvolvidas no Brasil, no que diz respeito ao processo de palatalização, nenhuma delas, o contexto fonológico posterior tinha sido considerado como estatisticamente não significativo, o que confirma esta pesquisa, como sendo relevante para a aplicação da descrição do fenômeno da palatalização das oclusivas alveolares /d/ e /t/ no português falado no Brasil.

Como explicação deste evento ocorrido na CF de Garanhuns – PE, percebemos que o termo percentual específico (27.2% e 27.9%) de ambas as variáveis, deram significativamente aproximadas, levando- nos à conclusão que tanto a vogal /i/ como o glide /j/ influencia no processo de palatalização regressiva entre os falantes, com a diferença de (0.7) décimos de divergência. Dessa forma, podemos afirmar que o contexto fonológico posterior influência no aparecimento da variante pesquisada.

Diante de todos os resultados postos, significativos ou não significativos de acordo com a rodada dos dados oferecidos pelo Goldvarb X (2005), verificamos que o programa selecionou as variáveis: faixa etária, grau de vozeamento da oclusiva, classe gramatical, sexo e escolaridade, como sendo fatores relevantes para esta pesquisa e apenas o contexto fonológico posterior, que se enquadra somente a vogal /i/ e o glide /j/, apresentou como não sendo significativo para a ocorrência da variante palatalizada em Garanhuns- PE.



Considerações Finais

O principal objetivo desta pesquisa foi abordar o processo de palatalização das oclusivas alveolares /d/ e /t/ no português falado em Garanhuns- PE, sob análise da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1972 [2008]), com intuito de investigar e descrever a correlação das variáveis linguísticas e sociais que explique o processo variável do fenômeno.

Para a seguinte análise separamos um total de 2077 ocorrências da variante analisada, obtendo 1502 ocorrências para a não palatalização contra 575 para a palatalização das oclusivas alveolares /d/ e /t/. Diante dos dados apresentados pelo programa computacional Goldvarb X (2005), com a interpretação dos dados e a análise linguística propriamente dita, ficou patente que a ocorrência da variante não palatalizada mostrou-se significativamente com maior frequência entre os falantes, com 72%, ao passo, que a variante palatalizada exibiu menor regularidade, com 28% das produções.

Para organização e compreensão dos dados, as variáveis extralinguísticas e linguísticas foram apresentadas separadamente em tabelas, para que facilitasse a descrição da palatalização. A partir disso, verificamos que a variável faixa etária foi a mais significativa para a ocorrência das consoantes palatalizadas, seguidas pelo grau de vozeamento, escolaridade, classe gramatical e sexo. A única variável considerada como não significativa foi o contexto fonológico posterior.

Verificamos que para obtenção do fenômeno linguístico, seria de fundamental importância abranger mais bairros e informantes de Garanhuns, além de estipular mais uma faixa etária, que seria de 61 acima, e informantes que apresentassem as seguintes escolaridades: analfabeto, fundamental I e fundamental II. Nestes informantes há uma grande probabilidade de se encontrar o fenômeno da palatalização das oclusivas alveolares /d/ e /t/.

Outro fator de extrema relevância seria a análise do contexto fonológico antecedente, já que obtivemos algumas ocorrências entre os falantes de palatalização progressiva, que corresponde a palatalização das oclusivas /d/ e /t/, diante de vogais como, /i/ e /o/, glides



como /i/ e /u/ ou diante da fricativa alveolar /s/, representando, sequencialmente, palavras como “oito”, “muito” ou “gosto”, ditas pelos falantes garanhuenses.

Como esta pesquisa corresponde a uma descrição inicial da comunidade de fala de Garanhuns- PE, posteriores investigações sociolinguísticas mostrarão ser de fundamental importância para a compreensão de tal fenômeno, visto que, algumas variáveis linguísticas abordadas nesta pesquisa podem ter análises mais aprofundadas e detalhadas para o estudo da palatalização.

Sabendo que a discussão não está encerrada e que novos trabalhos se tornam necessários para retratar novos pontos de análise quantitativa e estatística, esta pesquisa tem a pretensão de se tornar uma ferramenta para futuras pesquisas sobre o fenômeno da palatalização das oclusivas alveolares /d/ e /t/ no agreste meridional pernambucano.

Referências

BISOL, Leda. (Org.) **Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

CARVALHO, Sérgio. **A palatalização das plosivas dentais na fala de pescadores no norte e noroeste do Rio de Janeiro**. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) Faculdade de Letras da UFRJ. Rio de Janeiro, 2002.

CRISTÓFARO SILVA, Thaïs. **Fonética e fonologia do português**. 7 ed. São Paulo, Contexto, 2012.

DUTRA, Eduardo de Oliveira. **A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ no município de Chuí**, Rio Grande do Sul. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Porto Alegre, 2007.

FREITAG, R. M. K. **Idade: uma variável sociolinguística complexa**. *Línguas & Letras*, v. 6, p. 105-121, 2005.

FREITAG, R. M. K. **Implicações da variação na alfabetização: a lateral palatal e seus correspondentes grafêmicos**. *Leitura (UFAL)*, v. 1, p. 37-56, 2010.

GUY, Gregory Riordan. ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa- instrumento de análise**. São Paulo. Parábola Editorial. 2007.

HENRIQUE, Pedro; HORA, Demerval da. **Um olhar sobre a palatalização das oclusivas dentais no vernáculo pessoense**. In: XXIV Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, 2012, Natal-RN. Anais da Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, 04 a 07 de setembro de 2012. Natal: EDUFRN, 2012.



HORA, Demerval da. **A palatalização das oclusivas dentais: variação e representação não-linear**. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, PUC-RS, Porto Alegre, 1990.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LABOV, William. **The Transformation of Experience in Narrative Syntax**. In W. Labov, Org., *Language in the Inner City: Studies in the Black English Vernacular*, 354–396. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1972.

LABOV, William. **Alguns passos iniciais na análise da narrativa**. *The Journal of Narrative and Life History*. Trad. de Waldemar Ferreira Netto. Volume 7. 1997.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de linguística**. São Paulo. Contexto. 2012

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução a sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo. Contexto. 2015.

MOTA, Jacira; ROLEMBERG, Vera. **Variantes africadas palatais em Salvador**. In: HORA, Demerval da. (Org.) *Diversidade Linguística no Brasil*. João Pessoa: Ideia, 1997. p. 131 – 140.

MUSSALIM, Braga; BENTES, Ana Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, volume 1. 9. Edição. São Paulo. Cortez. 2012.

NARO, A. J. **Modelos quantitativos e tratamento estatístico**. In: MOLLICA, M.C e BRAGA, M.L. (orgs). *Introdução a sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo. Contexto. 2015.

OLIVEIRA, Almir Almeida de. **Os processos de palatalização das oclusivas alveolares em Maceió**. Tese (doutorado em letras). Programa de pós-graduação em letras e linguística da universidade federal de alagoas – PPGLL/ UFAL. Alagoas. 2017.

PAGOTTO, Emilio Gozze. **Variação e identidade**. Maceió: EDUFAL, 2004.

ROBERTO, Tania Mikaela Garcia. **Fonologia, fonética e ensino: guia introdutório**. São Paulo. Parábola editorial. 2016

SANTOS, Lúcia de Fátima. **Realização das oclusivas /t/ e /d/ na fala de Maceió**. 1996. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas – PPGL-UFAL, Maceió, 1996.

SANTOS, Renata Livia de Araújo; VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana. Teoria da variação e mudança linguística. In: COSTA, Januacele Francisca; SANTOS, Renata Livia de Araújo; VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana. (Orgs.) **Variação e mudança linguística no estado de Alagoas**. Maceió: Edufal, 2011, p. 14-28.

SILVA, H. B. **A africada alveolar na fala de duas comunidades fronteiriças no extremo sul do Brasil: uma análise variacionista**. 2009, 131 f. Dissertação (Pós-graduação em Letras), Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetoológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 34 • Jul 2021

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i34.345>

SOUZA NETO, Antônio Félix. **Realizações dos fonemas /t/ e /d/ em Aracaju – Sergipe.** Aracaju: Editora UFS, 2014.

TARALLO, F. A. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo. Ática. 1985.

WALETZKY, Joshua. **Alguns passos iniciais na análise da narrativa.** The Journal of Narrative and Life History. Trad. de Waldemar Ferreira Netto. Volume 7. 1997.

WIENREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** [Trad. Marcos Bagno]. São Paulo: Parábola, 2006.

Recebido em: 30/10/2020 | Aprovado em: 26/01/2021.
